

O Baleal

É simples a vista da presente gravura, porque não avultam ahi, com elegante ou soberba perspectiva, fachadas de sumptuosos templos consagrados á divindade pela fé; ou altas columnas de magestosos paços para morada de reis; nem coroados frontões cortando a cimalha de extensos palacios, destinados á nobreza ou á opulencia pelo fausto luxuoso ou jactancia vaidosa; por isso o observador que a olhar unicamente como amador de architectura, não encontrará pedra ferida pelo gume do scopro, nem cimento modelado pela arte, que represente alguma das suas ordens ou ornatos. Mas a todas essas vangloriosas edificações, de que se nutre o orgulho dos homens, com que superioridades se não avantajam as ondas que alli vemos na sua extensão e profundidade [1], e os alcantis e cryptas dos rochedos, como porções da grande obra da creação, instantaneamente formadas pelo *Fiat* de Deus no meio das trevas [2], onde as grandezas se encerram na harmonia de immensas producções, que, já como segredos vedados á comprehensão humana, já como prodigiosas maravilhas que a extasiam, claramente lhe demonstram a omnipotencia do seu auctor!

Que de historia não encerram essas pequenas ilhas, como paginas rasgadas em eras que já vão longe, pela ignea força das erupções, onde lemos a successão de tantas vidas, de tantos acontecimentos bellicosos e domesticos alli passados, que nos provam bem quão impermanentes são as coisas do mundo. [3]

[1] O Oceano Atlantico é um dos maiores mares do globo. Entre Peniche e as Berlengas, onde chamam *a meia-via*, foi-me dito pelos praticos dar a sonda 25 linhas, ou 1:400 metros de profundidade.

[2] *Dixitque: Fiat firmamentum; et fecit Deus firmamentum. Et tenebræ erant super faciem abyssi.*—Genesis, cap. I.

[3] Para corroborar o que acabo de dizer, citarei as eloquentes palavras de um dos mais nobres e respeitaveis talentos da nossa tribuna parlamentar, o sr. Casal Ribeiro, no discurso proferido em 3 de fevereiro ultimo na camara dos deputados. «. . . do que valem na boca do homem esses jactanciosos *para sempre!*... Não, senhores; não ha *para sempre* no mundo. Para sempre só Deus.»

Deixarei agora os pontos mais distantes que vemos na estampa erguerem-se através do horisonte, e que, separados pelo *dedo de Deus* [1], me pareciam oscilar sobre as ondas quando as sulquei, para me occupar do que mais proximo de nós veiu dar á costa [2], e fazer o extremo do continente occidental [3].

Que lenda encontro n'esta bronca penedia, ou que narração me faz em tacita linguagem analogiando o *omnia posuit* do Creador? Dois factos respeitaveis para o geographo e para o christão: *historia* e *religião*.

Será pois sob este aspecto que escreverei a chronica noticiosa da parte principal da gravura.

Historia. A ilha do Baleal, como vulgarmente a denominam [4], é uma peninsula ao nordeste da praça de Peniche, d'onde, por uma praia semicircular, distará 6 kilometros.

Esta peninsula, como uma umbreira, deita-se sobre o mar com a extensão de quasi 2 kilometros de norte a sul, e fica n'este lado presa ao continente por um isthmo que lhe dá ingresso com área de 300 passos em quadro; o qual isthmo, abaixando-se nas extremidades a pequena altura do nivel do mar, é coberto pelas ondas algumas vezes no anno, submersão de poucas horas, e que succede com mais frequencia nos solsticios, em algumas conjuncções lunares, e nas occasiões de procellosas tempestades. O sitio do Baleal, assimilhando a cumieira de uma serra, sobre a qual assenta uma planura de terra pouco funda, é formado de uma massa compacta de pedra circundada

[1] *Quam videbo cœlos et terram opera digitorum tuorum.* Ps. VIII. *Il separa la terre sèche d'avec les eaux qui y étoient melées.*—Royaumont.

[2] Esta phrase de que me servi allude á nota 7, que vae adiante.

[3] *Donde* a terra se acaba e o mar começa.—Camões, cant. VIII.

[4] Não será de todo improprio chamar-lhe assim, porque, se não é ilha continuamente, é periodicamente, razão pela qual com esse nome se vê em alguns mappas, como no de Perrichon, no *Theatrum Orbis Terrarum*, e outros.

da mais viva e escabrosa rocha; estas pedras, compostas de lageas com differentes grossuras, guardam singularmente suas dimensões regulares em toda a extensão da peninsula, bem como a sua collocação vertical, com pouco pendor ao occidente, posição mui geral nas grandes serranias, observada por um celebre viajante. [1]

Estas lageas, que a força indomita das ondas tem cortado em varias partes, são de natureza calcarea, de que muito abunda o nosso reino [2]; e em parte de um amarello pouco vivo (amarello jalde), que em algumas superficies ganha uma côr alvacenta, e bastante rigidez.

Por entre estas camadas mettem-se de permeio outras de natureza argilacea, cinzenta [3], que se pulverisa com as emanações salinas e a acção atmospherica, deixando então apparecer n'aquellas um conjuncto de lithophytos, entre um fibroso tecido de substancias naturaes e animaes, cujos dendrites, em partes cristallizados, tornam duvidosa sua causa primitiva. Junto d'estas transformações, resalta a concreção de differentes crustaceos e cetaceos, que todavia, em estado fossil, entre alguns que o verdadeiro zoologo conhecerá, mui perfeitamente se distinguem o argonauta (nautile, voilier, cornetes ou trompetes de mer et cornes d'Ammon); as estrellas (caput Medusæ; étoile esculante de bellon; escargote ray*); os briguigões, ameijoas (Boucardes), e outros. [4]

Não se encontra alli essa coquillage ou agglomeração de conchas, de que tanto abundam as immediações de Lisboa e Outra-banda, e que se encontram até nas mais altas serras da Europa, como nos Alpes, Pyreneus, Andes, Apeninos e Araraltres [5], que muitos escriptores consideram como remoções ou producções de antigos cataclysmos por que o globo tem passado. [6]

Ora considerando estas rochas co-irmãs das do continente visinho, deveriamos, na direcção que já atraz indiquei, achar vestigios da sua continuidade, que já se não encontra, mas sim uma planicie de 7 kilometros até á antiga villa da Athouguia, onde começam a apparecer alguns bancos de pedra, mas de natureza differente; bem como as mais proximas e fronteiras ao sitio onde menos confraternidade se nota, por serem compostas de uma argila rubra, entre recifes de pedra arenacea, humorosa e falcosa.

Falto de conhecimentos geologicos, mas pondo a par da historia geographica as considerações que expuz, nascidas de minhas observações, julgo o sitio do Baleal estranho ao primitivo continente, ou que d'elle, como hoje, não fez parte antigamente: n'esta hypothese, creio alli a sua collocação como arremeçada por alguma d'essas erupções vulcanicas, de que fallam antigos escriptores [7], e que fez parte da antiga e grande ilha Eritréa, de que outros fallam [8], das quaes alguns mui razoavelmente suppõem como resto as Berlengas. [9]

Religião. A lenda religiosa do Baleal, que a tradição e alguns escriptores nos transmittiram [10], é um d'esses padrões em que o crente apoia a sua fé, sempre recompensada pelo Filho da Virgem, quando ella pede pelos peccadores. [11]

Tem o Baleal uma capellinha da invocação de N. S. das Mercês e Santo Estevão, cujas imagens, de soffrivel esculptura, formam um retabulo mui singelo. Esta capella, de construcção simples, não apresenta indicios de remota antiguidade, devido talvez á sua boa conservação. É interiormente revestida de azulejos, e no tecto de madeira, entre enramados traços no gosto do seculo XV, figuram alguns emblemas com que a santa egreja louva a Virgem Maria, como o sol, a lua, as estrellas, a torre, etc. [1]

Ha na frente d'esta capella um cruzeiro, que, como folha enrugada e carcomida pelos annos, será o livro que traduza a sua edificação, e o successo que vou narrar.

Conta-se que, em tempos antigos, um ermitão, a quem a voz tradicional dá o nome de Maruta, deixára o Ferrel, sua patria, e para alli viera fazer vida penitente n'uma casa junto á ermida, casa que ainda existe com a mesma applicação. Uma noite, grande estrepito alterou o usual socego d'aquelle ermo. O anachoreta acordou, e conhecendo ser na egreja, possuese de medo, e foge para uma gruta proxima ás ondas, a qual ainda hoje conserva o nome de *cova do ermitão*. Alli permaneceu até despontar a aurora; quando volta á capella para conhecer a novidade, eis que vê, pelo clarão, espalhados os ornamentos do altar, e a santa imagem roubada. Confuso, corre á capella sem a encontrar; busca-a até pelo exterior, quando, por acaso, olhando para o mar, vê um pequeno batel dirigir-se a uma nau, que, ancorada, o espera e recolhe, conhecendo ser de moiros.

Volta inconsolavel, chorando a falta da sua protectora companheira, julgando ter de chorar esta ausencia o resto dos seus annos.

Passam dias, que perfazem mezes, quando, n'este espaço, um captivo em Argel, filho de Peniche, vê chegar áquelle presidio a embarcação que conduz a roubada imagem por elle conhecida. Este homem, que então começava a respirar o ar da liberdade, propõe o resgate da Virgem, que se lhe concede a peso de prata; mas elle, que unicamente possuia uma pataca, sabendo que a imagem é de marmore, e de tres palmos de altura, conhece a impossibilidade de acceitar o contrato, e volta cheio de tristeza ao seu aposento, maldizendo a pobreza em que se achava.

Passando a noite em pensativa vigilia e atormentado, uma inspiração divina o resolve a ir reconhecer o peso da imagem. Chega a tardia manhã, volta o captivo a casa do senhor da presa, que mantem a sua palavra; pede-lhe que ponha a imagem n'uma balança, e deita na concha opposta a sua pataca, a qual immediatamente a rebaixa com peso superior, e com grande admiração do infiel agareno.

Apossa-se do inavaliavel thesouro, e prestes se embarca com elle para a sua patria. Logo que chega, a conduz á sua antiga capella, contando o prodigioso acontecimento, que enche de assombro a todos os circunstantes.

Esta lenda tem feito até ao presente o principal incentivo da devoção que o povo tem áquella effigie da rainha do ceo, com o titulo de Senhora das Mercês.

O Baleal, segundo conjectura, é assim denominado pela frequencia com que o mar tem arrojado ás suas praias differentes balêas, duas das quaes em poucos annos eu vi; ou d'aquella celebre e monstruosa que, em 1526, deu appellido á villa da Athouguia.

Este sitio ainda ha poucos annos apenas tinha duas barracas de pescadores, e hoje conta dezeseis moradas de familias das circunvisinhanças, entre as quaes, e as melhores, pertencem aos srs. Pereira Caldas, das Caldas da Rainha; Marques, da Athouguia; Pinto Ferreira, de Ferrel; Neves, do Peral; e Sequeira, de Traz do Oiteiro: isto em consequencia da bondade das suas aguas para banhos de mar, e pela excellente praia, que, sem exaggeração, será a melhor do nosso reino.

[1] Tournefort: *Voyag. au Levant*, tom. III, liv. 19.

[2] Um escriptor francez, que historiou a Geographia Physica de Portugal, diz: «La pierre calcaire forme une suite de montagnes entre Lisbonne et Coimbre: quoique sa couleur soit différente, il fait cependant partie des montagnes primitives, et contient du schiste micacé.

[3] Argila communis, coerulescens. Linneo.

[4] Vid. Histoir. natur. des petrifications, par B . . .

[5] Vid. Obras de José Antonio de Sá.

[6] Histoire des Revolutions de l'Orbe terrestre, cap. XXIX.

[7] Pomponio Mella, Plinio, Estrabão, Ellenon, Ray, e outros.

[8] Fr. Bernardino da Silva, o padre Marianna, José Joaquim Soares de Barros, etc.

[9] And. Resen. lib. 1.º Historia dos Terremotos, pag. 7.

[10] Fr. Agostinho de Santa Maria. O padre L. Cardoso.

[11] Sem os rogos de Maria, nada alcançam os mortaes. S. Bernardo.

[1] Sol justitiæ, Pulchra est luna. Stella matutina, Turris eburnea, etc.

pela nivelação e solidez, rodando sobre ella um carro quasi sem deixar vestigios.

No mais alto dos rochedos, e onde na estampa se vê um ponto geodesico, foi em 1808 edificado pelos francezes um pequeno forte, que está bastante deteriorado; e junto á praia da entrada se fez, ha dois annos, um forno que produz soffrivel cal.

Onde actualmente se acham as propriedades, e em suas immediações, encontram-se bastantes alicerces antigos, pelos quaes se conjectura haver sido alli o logar de Ferrel, hoje pouco distante.

Não ha aqui arbustos; é quasi nulla a vegetação; todavia o terreno dá saldanella, ou brazia marinha; jusquiamo, herva divina, perrexil, e outras plantas proprias das visinhanças do mar. [1]

São estas praias abundantes de peixe e mariscos, e n'ellas se encontram esponjas e coralina branca (musgo marinho), e ha poucos annos uns pescadores que alli ha tiraram do alto mar uma arvore de coral, como o melhor do porto de Bone. [2]

Não tem este sitio agua dentro em si, pelo que se vae buscar ao Camarção, onde um benemerito cidadão, que de Lisboa alli foi a banhos com sua familia, mandou ha dois annos fazer uma fonte. [3]

O sitio do Baleal é actualmente muito concorrido no tempo dos banhos, onde mil coisas fazem os seus encantos e divertimentos; como é: a passagem do mar sobre o isthmo nas marés da canicula, tornando então o sitio um archipelago de cinco ilhéos agrupados; o embate das ondas sobre as rochas que o cercam em fórma de escadas, que ora fazem brancos lençoes de espuma, ora altas catadupas e elevadas columnas de agua; o portinho que a natureza, providente, lhe fez no canto das penhas, para refugio e estação dos barquinhos; os buzios e delicadissimas conchinhas de variegadas fórmas e côres; os córados e finos liminhos; os polidos seixinhos, d'onde o anno passado eu trouxe uma sanguinea-amarella para um annel, a que os lapidarios chamaram uma verdadeira agatha.

Quem visitar o Baleal, conduzido por certo ás situações mais favoritas e concorridas, como o forte, a varanda dos namorados, o rasto de Neptuno, e as pedras, achará fiel o quadro que tenho esboçado. No centro da gravura vê-se ao longe a ilha das Berlengas com o seu pharol no cimo, da qual hei de fallar em artigo especial, com estampa; á esquerda os ultimos rochedos do norte da praça de Peniche, antigo cabo Carvoeiro, onde, no seculo passado, naufragou a nau S. Pedro, ou dos Quintos, e com ella se perderam immensas riquezas; e onde egual fim teve ha poucos annos o vapor da carreira do Porto; e do lado direito os ponteagudos farilhões, que parecem uma grande nau no meio do vasto Oceano.

P. DE C. E SEQUEIRA.

AS MINAS EM PORTUGAL

MINAS DO SUIMO

Que as minas constituem uma das maiores riquezas naturaes de Portugal, dizem-n'o as innumeraveis nascentes de aguas mineraes, de variadissimas qualidades, que rebentam espontaneamente por toda a superficie do paiz; dizem-n'o tambem as repetidas convulsões do solo, algumas tão violentas e desastrosas nos seus effeitos, que bem manisfestamente nos tem revelado a existencia de grandes jazidos mineralogicos.

Quando estas razões não bastassem para convencer os incredulos, a historia d'esta nossa terra abunda em provas da verdade que exarâmos.

Foi a pesquiza e lavra das minas o que attrahiu, durante longo curso de annos, os phenicios ás costas da Lusitania, fazendo-os subir pelos rios, devassar o interior do paiz, e fundar colonias industriaes.

Foi a cobiça d'estas riquezas, por elles manifestadas aos romanos, o que mais concorreu para que este povo, ambicioso e guerreiro, viesse á conquista da peninsula iberica, e sustentasse n'ella por tanta diuturnidade de tempo, e á custa de tão enormes sacrificios, uma lucta porfiosissima, cuja principal compensação consistia no valor dos productos que os conquistadores tiravam do solo, e n'outras vantagens mais commerciaes que politicas.

Essas vastas cavernas, que em fórma de corredores atravessam as entranhas de muitas serras de Portugal, e que os camponezes visinhos umas vezes povoam de fadas e de espectros guardando thesoiros, outras julgam ser obra dos moiros para defensa propria, ou para traições contra os christãos, são as minas exploradas pelos romanos.

Desde o principio da monarchia, apesar das guerras incessantes, da ignorancia dos tempos, e da falta de industria, prestou-se attenção áquelle importante ramo da riqueza publica. Ainda todo o paiz era, por assim dizer, um campo de batalha d'essa lucta de morte travada entre moiros e christãos, e já el-rei D. Sancho I fazia explorar a mina de oiro da Adiça, entre Almada e Cezimbra.

D'ahi por diante descobriram-se e lavraram-se muitas minas de ferro, aço, estanho, prata, oiro, e pedras preciosas. El-rei D. Diniz, que tantos cuidados prestou ao desenvolvimento da agricultura, promoveu com tal esmero os trabalhos mineralogicos, que não só teve em actividade a exploração das minas até alli descobertas, mas tambem diligenciou o descobrimento de outras, chegando a encarregar, em 1301, a Pero Martins, Estevão Domingues, Gonçalo Pires, e mais algumas pessoas que julgou competentes, de procurarem no reino minas de pedra-hume, por lhe constar que appareciam no paiz vestigios d'estes jazidos. Aos operarios e mais individuos que se empregavam n'estes trabalhos, concedeu o mesmo soberano muitos privilegios, que alguns dos reis seus successores confirmaram e augmentaram.

Chegou-se a tirar das minas tanto proveito, que até varios principes as exploraram por conta propria, colhendo d'ellas avultado rendimento, como foram o infante D. Fernando, duque de Vizeu, filho del-rei D. Duarte, e pae del-rei D. Manuel, que lavrou por muitos annos a mina de ferro de Teixoso, e os duques de Bragança, que lavraram outras de metaes, e uma de turquezas em Villa Viçosa.

O descobrimento da India acabou com todo este impulso. Á vista das riquezas que o Oriente nos enviava empallideciam e amesquinhavam-se o nosso oiro e a nossa pedraria.

Quando esta fonte seccou para nós, veiu a escravidão gelar-nos no peito alento e brios. Depois vieram as campanhas da independencia absorverem-nos todos os esforços e attenções. Esta actividade, renascida entre os combates ao estridor das armas, não tardou a amollecer e corromper-se no ocio ao toque seductor do oiro e diamantes, que o Brasil entornou prodigamente em Portugal durante um longo reinado.

Comtudo, o rei que viveu no meio de tantos esplendores não desdenhou os recursos naturaes do paiz. D. João V mandou homens de sciencia por todo o reino fazer pesquizas mineralogicas, os quaes lhe apresentaram em resultado das suas diligencias uma

[1] Vid. *Reflexões Methodico-Botanicas*, de fr. Christovão dos Reis.
[2] Fr. Christovão dos Reis, fallando na citada obra sobre o coral, diz: Muitas vezes se tem este tirado do mar nas costas de Setubal e Peniche.
[3] O sr. José Joaquim Soares de Faria.

extensa lista de minas de variadissimos metaes, e de outras substancias não menos preciosas.

Alguma coisa se explorou, mas pouco. Quem havia de querer trabalhar no reino, rompendo através das profundidades da terra em busca de delgadas veias metallurgicas, ao mesmo tempo que o oiro e os brilhantes nos vinham da America como chuva que a todos alaga, ou como rio que tudo inunda?

D. João v legou com o throno a seu filho a necessidade urgente de grandes reformas, que salvassem o corpo social da gangrena originada pelas corrupções do oiro. E como no mundo tudo é acção e reacção, e do oiro se tivesse feito uso e abuso, D. José i e o seu illustrado ministro quizeram regenerar o paiz, e moralisar a nação pelo trabalho e pela instrucção.

Nobilitou-se a industria; promoveu-se a cultura das terras, a creação de fabricas, o desenvolvimento do commercio e da navegação; mas descurou-se quasi inteiramente a lavra das minas, como se se temesse a influencia das riquezas facilmente adquiridas.

O governo de D. Maria i pareceu empenhado desde o principio em desfazer quasi tudo o que o marquez de Pombal havia criado, seguindo quanto podia ser um trilho opposto. Mas nem por isso deu impulso á mineração. Apenas se continuou, como no reinado antecedente, na lavra de algumas minas antigas, porém com trabalhos tão frouxos, que não podia nascer d'elles especie alguma de incentivo.

O ultimo periodo d'este reinado foi uma serie de calamidades publicas não interrompidas; e o del-rei D. João vi, todo cheio de incertezas, de inquietações e de discordias, foi o começo d'essas guerras civis, que desde então até ha poucos annos nos consumiu ingloriamente, exceptuando a lucta da liberdade, as forças vitaes da nação.

Não se dão os grandes commettimentos industriaes nos periodos em que se desenvolvem e actuam as doenças moraes das nações. Todavia, como a libertação do solo e do pensamento lançou as bases seguras de uma futura prosperidade, n'essas breves treguas que as paixões politicas de vez em quando nos davam, brilhava um raio de esperança no horisonte da patria, accendia-se por um instante o amor do trabalho, surgia de improviso o espirito da associação, projectavam-se emprezas, e até se chegou a sonhar em minas.

Aquellas treguas eram sempre tão passageiras, que qualquer impulso generoso então gerado, ou morria á nascença, ou, definhando-se e degenerando á mingua das condições essenciaes para o seu crescimento e robustez, vivia vida enfezada e rachitica.

Foi d'esta arte que entre nós appareceram, para logo depois naufragarem, diversas emprezas de mineração. Era isto o effeito necessario da instabilidade das coisas publicas, da escassez de capitaes, e sobre tudo da falta absoluta de individuos habilitados com os estudos technicos e praticos indispensaveis para a direcção de similhantes trabalhos.

D'estas tentativas mallogradas, por serem extemporaneas, resultou para o paiz um grande mal, o descredito das minas. Não se tratou de investigar as causas que produziram o mallogro. Como a antiga prosperidade d'esta industria se achava afastada dos nossos dias por mais de tres seculos, o que a fazia esquecida de muitos homens lidos em a nossa historia, e ignorada da maior parte da nação, divulgou-se, e enraizou-se entre nós, a falsa opinião de que as minas em Portugal não passam de um sonho de gente acordada, e de um triste desengano para os que arriscam na exploração o seu tempo e capitaes.

Tanto profundou esta idéa nas convicções á força da repetição d'aquelles mallogros, que debalde se diria então aos incredulos, que antes e depois da fundação da monarchia até ao reinado de D. Manuel, se extrahiram do nosso paiz productos mineraes, representando immensa somma de valores. Em vão se lhes referiria que a mina de prata de Parame, em Traz-os-Montes, explorada em tempo dos Filippes, era tão rica e possante, que de cada 8 arrobas de minerio ficavam na fundição 6 arrobas de prata, e promettia o superintendente da mina a Filippe iii de Hespanha, que, se lhe désse mais braços para a lavra, poderia extrahir 8 arrobas de prata por dia.

A tudo que se dissesse chamavam fabulas, e, se se apontava para essas galerias cavadas no interior das montanhas, respondiam que eram minas exhaustas, e de certo abandonadas como taes pelos proprios phenicios ou romanos.

Foi necessario que viesse a Portugal a perseverança estrangeira, auxiliada da sciencia e dos capitaes, para que se fossem acabando tão nocivos preconceitos. As minas de chumbo do Braçal, e as de cobre das visinhanças de Aveiro, e de S. Domingos de ao pé do Guadiana, postas em grande exploração, segundo os preceitos da sciencia, já são de per si uma prova incontestavel do que podem valer as minas d'este paiz, quando sejam habil e convenientemente exploradas. A de S. Domingos, que é uma das antigas minas dos phenicios ou dos romanos, e mais provavelmente d'estes ultimos, d'essas que se julgavam exhaustas, emprega hoje mais de dois mil operarios, e carrega annualmente mais de 300 navios, que transportam o minerio para Inglaterra. É tão valiosa a producção d'este jazido, que a empreza julgou merecer-lhe o sacrificio de construir um caminho de ferro, de alguns kilometros, para a facil conducção do minerio a um porto do Guadiana. E é tal a influencia benefica d'esta industria, que onde ha pouco eram brenhas e mattos, vê-se agora uma grande e bella povoação, edificada com regularidade e singela elegancia, policiada e civilisada a ponto de ter para as suas diversões uma philarmonica composta dos proprios operarios.

A industria mineira começa pois a avultar n'esta boa terra como um dos seus mais importantes recursos naturaes; porém a sua prosperidade futura depende absolutamente das condições em que se organisarem as emprezas, e do modo por que encetarem e progredirem os trabalhos. Carecemos ainda de pessoas perfeitamente habilitadas, e muito mais attento o desenvolvimento que esta industria vae tomando.

Mas é caso singular, e muito para sentir em taes circunstancias, que tendo-se recolhido ao paiz já approvados varios alumnos mandados pelo governo a Paris, para frequentarem o curso da eschola de minas, estejam alguns desviados da sua especialidade! Um d'estes alumnos, que, sendo distincto entre os mais notaveis do seu curso, e tendo visitado e estudado antes de regressar á patria as mais celebres minas da França, da Inglaterra e da Allemanha, acha-se actualmente empregado nas obras publicas como engenheiro civil. É o sr. Christiano Kopke da Fonseca e Gouvêa. Lembrâmo-nos d'este, mas naturalmente não será o unico, porque acabou o seu curso ha talvez tres annos, e depois d'elle terão vindo para aqui outros seus companheiros. A culpa porém d'estes desvios, que assim deixam inutilisar um ramo da sciencia de que o paiz tanto carece, é mais, e talvez toda, das emprezas que, não procurando engenheiros competentes, vão sacrificar os seus capitaes em explorações mal dirigidas, e, peior ainda do que isso para o paiz, vão accumular novos elementos para o descredito de uma industria que tanto promette a Portugal.

Suggeriram-nos esta serie de reflexões as minas do Suimo, representadas na gravura junta, porque são das mais antigas que se tem explorado n'este paiz.

Estão situadas a alguma distancia da villa de

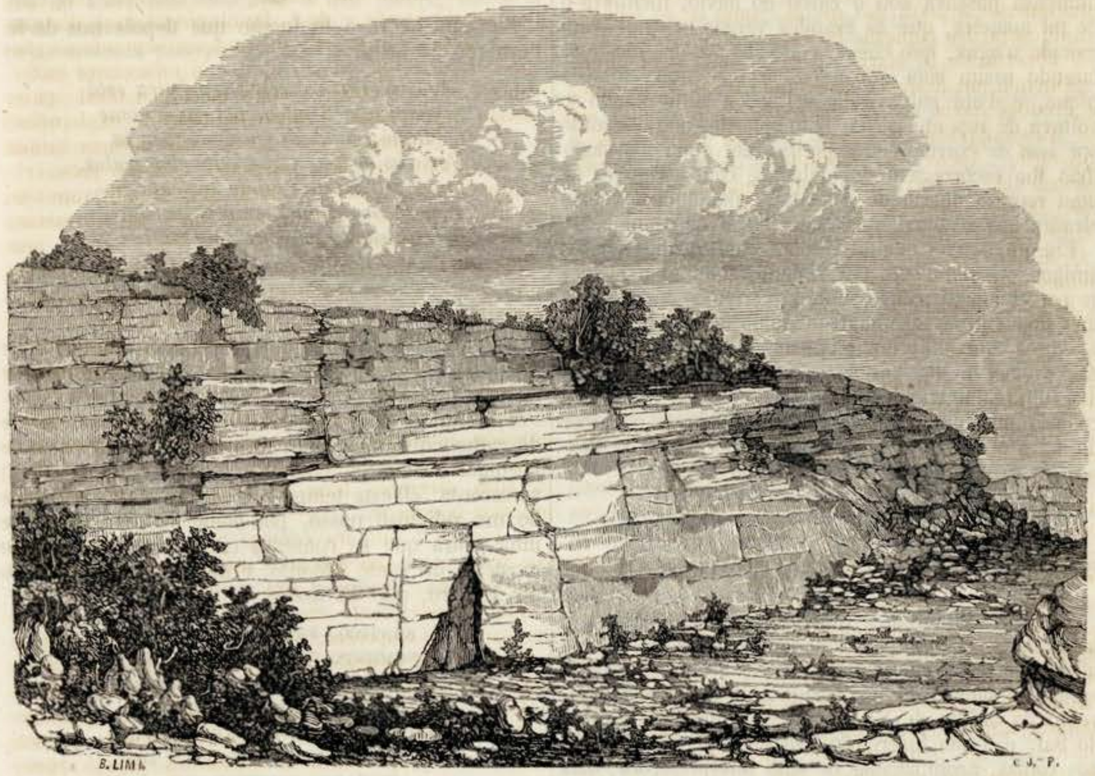
Bellas, proximo da Venda Sécca e do Bomjardim, á esquerda da estrada que d'aquella villa conduz á de Mafra.

São minas de jacinthos, e a sua exploração data do reinado de D. Diniz. Foi porém no seculo XV que a lavra tomou maiores proporções. Deram desenvolvimento aos trabalhos, primeiramente o infante D. João, filho del-rei D. João I, e senhor da quinta e villa de Bellas por mercê de seu pae; e depois, por morte do infante, acontecida em 1442, sua filha, a infanta D. Beatriz, que lhe succedeu n'aquelles senhorios. Esta senhora casou d'ahi a quatro annos com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, de cujo matrimonio nasceu, entre outros filhos, el-rei D. Manuel.

Sobreviveu 30 annos a seu marido, e n'este periodo dizem que se extrahiram muitos e excellentes jacinthos das minas de Suimo, mui puros e formosos, menos abertos na côr, porém mais duros que os da Asia.

Tão importantes julgava estas minas a dita infanta, que quando fez doação da sua quinta de Bellas e do senhorio da villa a Rodrigo Affonso d'Athouguia, em recompensa de serviços que lhe prestára como criado seu, reservou para si as minas do Suimo, e por sua morte, em 1506, deixou-as em legado a seu filho, el-rei D. Manuel.

N'essa epocha tinham grande valor as pedras preciosas de côres, e continuaram a têl-o nos seculos seguintes, sendo muito estimadas e procuradas em



Minas do Suimo — Pag. 179

quanto se não começaram a fabricar e lançar no commercio as pedras falsas, imitando perfeitamente as verdadeiras. Esta razão, e as outras que acima indicámos, a respeito das minas em geral, foram causa, sem duvida, de se abandonar a lavra das minas do Suimo.

A nossa estampa mostra de frente a cortadura da rocha, feita a meia encosta da montanha, no estado em que a deixou o acabamento da exploração.

Vêem-se na rocha duas fendas, como grutas, que se abrem na raiz d'ella; a maior é a que está representada na gravura, a outra fica um pouco mais distante.

Dizem que o monte é minado por dentro em grande parte, e que, entrando-se com luz n'essas concavidades, o reflexo faz brilhar as rochas que lhe formam as paredes e abobada, como se estivessem guarnecidas de galões de oiro.

Nas faldas da montanha corre uma ribeira, junto á margem da qual se deitava o entulho da mina, do que restam signaes evidentes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

XIV

UMA TEMPESTADE NOS MARES DA INDIA

Quando dobrámos o cabo da Boa-Esperança, e que vimos a entrada do canal de Moçambique, a 23 de junho, no solsticio do verão, fômos salteados por um pavoroso vento sul. O ceo estava sereno, viam-se-lhe unicamente algumas pequenas nuvens acobreadas, simillhando vapores vermelhentos, que passavam com velocidade superior á das aves; o mar apresentava-se porém dividido em cinco ou seis vagas compridas e elevadas, simillhando cadeias de collinas, e tendo entre si o espaço de valles extensos e profundos. Cada uma d'estas collinas aquaticas tinha dois a tres andares. O vento soltava dos seus escarpados cimos uma especie de juba espumosa, onde se reflectiam as côres do arco-iris. Tambem levava comsigo turbilhões de uma poeira esbranquiçada, simillhante á que se ergue de verão nas grandes estradas. O que era mais para recear, de quando em quando, era ver as

cimeiras d'estas collinas, adiantando-se mais do que a base pelo vento, transformarem-se em abobadas enormes, que se enrolavam entre si espumando e mugindo, capazes de sepultarem o navio maior que se lhes encontrasse sob as ruinas. O estado do nosso navio juntava-se ao do mar para tornar pavorosa a nossa situação. Um raio tinha-nos partido o mastro grande durante a noite, e o vento de manhã, levando-nos o mastro do traquete tirára-nos a véla que nos restava. O navio, incapaz de dar pelo leme, boiava á tôa, sujeito ora aos impulsos do vento, ora aos embates das ondas. Estava no castello da pôpa, agarrado aos ovens do mastro da gata, e procurando familiarisar-me com este espectaculo terrivel. Quando uma d'aquellas montanhas se aproximava de nós, via-lhe o cimo na altura das gaveas, isto é, uns cincoenta pés acima das nossas cabeças; mas quando a base d'aquella mole immensa passava sob o casco do navio, inclinava-o de tal maneira, que as grandes vergas mergulhavam metade n'agua, que chegava até aos pés dos mastros, fazendo assim com que a embarcação quasi fosse a pique, e d'ahi galgava-lhe acima, e endireitando-se voltava de repente para o lado opposto, não deixando por isso de correr menor perigo, em quanto o vagalhão lhe escorregava por debaixo, com a rapidez de uma repreza aberta de repente, e deixando, onde se elevára havia pouco, um vasto lençol de espuma.

Era impossivel dar ou receber conforto dos nossos amigos. O vento era tão violento, que nem sequer se percebiam as palavras que proferiamos aos ouvidos uns dos outros, gritando até mais não. O ar levava as vozes, deixando ouvir unicamente o assobio agudo das vergas e das cordas, e o ruido rouco das ondas similhando rugidos de animaes ferozes. Assim nos conservámos entre a vida e a morte, desde o nascer do sol até que elle se escondeu no horisonte. — *Bernardin de S. Pierre.* (Harmonias da Natureza).

INSCRIPÇÃO GODA ENCONTRADA EM ALCACER DO SAL

Varios escriptores, e mui principalmente nossos e hespanhoes, tem-se referido nas suas obras a uma inscripção goda, que dizem existíra n'uma capella da egreja de santo Antonio, pertencente ao extincto convento da ordem de S. Francisco da villa de Alcacer do Sal; e d'esta inscripção tem elles pretendido darnos cópias, acompahadas de suas interpretações; mas nem as cópias tem sido fieis, nem as interpretações fundadas em boa critica e razão, antes umas e outras inexactas, e todas mais ou menos erradas. E talvez que aos erros das cópias, devidos á ignorancia dos copistas, se possam attribuir essas interpretações em grande parte cerebrinas, posto que algumas sejam de certo devidas á menos attenção com que esses escriptores examinaram as copias da inscripção a que nos referimos.

Mas, porque assim anda a inscripção mal copiada e interpretada, dando a sua decifração não pouco trabalho, e sempre baldado, aos antiquarios, entendemos dizer d'ella alguma coisa, que talvez mereça ser acceita com benevolencia por aquelles que se interessam pela sciencia lapidaria.

A pedra, sobre que está gravada a inscripção, foi descoberta, pelos annos de 1844, pelo sr. dr. Domingos Garcia Peres, que a encontrou coberta de cal, e encravada no lado exterior da parede (sul) da referida egreja; o sr. Garcia Peres salvou esta antigualha da imminente destruição que a esperava, e mandou-a ultimamente vir de Alcacer para Setubal; aqui tratámos nós de mandar tirar uma cópia exacta e fiel, cuja execução coube a um habil artista setubalense, o sr. Cassar, a quem somos devedores de seu obsequioso favor.

Fr. Bernardo de Brito, [1] tratando do rei godo Suintila, do qual diz que víra duas moedas de oiro, uma cunhada em Merida e outra em Evora, acrescenta — «Do primeiro anno d'este rei ha uma pedra em Alcacer do Sal, no mosteiro de santo Antonio, que já refere Morales, com a seguinte inscripção:»

SENTICO. FAMVLVS DEI.
COGNOMENTO. D. DOMVM
PATERNO TRAHENS. LINEA
GETARVM. HVIC RVDI. TV
MVLO IACENS. QVI HOC SE
CVLO. XII. COMPLEVERAT
LVSTROS DIGNVM DEO IN PA
CE COMMENDAVIT SPIRITVM
SVB. D. KAL. AVGVSTAS. ER.
DCLX. TIB DETVR PAX A DEO.
A ✠ W

Eis aqui agora a traducção que depois nos dá fr. Bernardo de Brito.

Aqui n'esta grosseira sepultura está
enterrado Sintico, por sobrenome
Decio, cuja casa e descendencia
Por via de seu pae vinha dos godos,
e viveu n'este mundo sessenta an-
nos. Deu dignamente a Deus seu
espirito em paz, aos vinte
oito de julho da era de seis-
centos e sessenta, que é anno
de Christo seiscentos e vinte e dois.

«Se suas abreviaturas (acrescenta fr. Bernardo de Brito) são tambem conjecturadas como Ambrosio de Morales imagina.»

Fr. Antonio da Purificação [2] dizendo — que por morte do catholico rei Sisebuto, fôra entregue o governo de Portugal a Suintila, tambem catholico, (anno de 642) acrescenta: «D'este tempo é a memoria que achámos de um religioso nosso, por nome Sentico, tirada de uma pedra que se conserva em Alcacer do Sal, no mosteiro de santo Antonio, e na qual está entalhado um letreiro, que diz assim:

SENTICO. FAMVLVS DEI. COG-
NOMENTO. D. DOMVM. PATER-
NO. TRAHENS. LINEA. GETARVM.
HVIC. RVDI. TVMVLO. IACENS
QUI. HOC. SECVLO. XII. COMPLE-
VERAT. LVSTROS. DIGNVM DE-
O. IN PACE. COMMENDAVIT. SPI-
RITVM. SVB D. KAL. AVGVSTAS.
ERA. DCLX. TIBI. DETVR. PAX.
A DEO
A ✠ W

Não fazendo caso (continúa fr. Antonio da Purificação) dos erros do latim, e entendendo as suas abreviaturas no sentido em que as entendem Ambrosio de Morales, e fr. Bernardo de Brito, quer dizer no nosso vulgar:

Aqui n'esta grosseira sepultura
está enterrado o servo de Deus
Sentico, por sobrenome Decio,
cuja casa e descendencia por via
de seu pae, vinha dos godos, e
viveu n'este mundo doze lustros
(que são sessenta annos) e deu digna-
mente a Deus seu espirito
em paz aos cinco das kalendas
de agosto (que é aos 28 de ju-
lho) na era de 660 (que são
annos de Christo 622) seja-lhe
dada a paz de Deus.

[1] Mon. Lus. 2.ª part. pag. 220 v.
[2] Chron. dos Erem. de santo Agostinho, t. I pag. 241.

E depois acrescenta fr. Antonio da Purificação: «Das palavras *Famulus Dei* se colhe claramente, que foi *Religioso*, porque, como já mostrámos em outros logares, explicando similhantes letreiros, o mesmo era n'aquelles tempos *Famulus Dei*, que hoje são *Monachus*, *Frater*, *Religiosus*.» E continúa pretendendo mostrar, que Suintila era frade da sua ordem, por isso que n'aquelle seculo não existiam em Portugal frades de outra.

O P. Luiz Cardoso [1] dizendo — que S. Januario fôra bispo em Alcacer do Sal, e que estivera no concilio Liberitano, celebrado na cidade de Liberio, acrescenta depois no periodo seguinte: «No convento dos religiosos de S. Francisco (d'aquella villa), na capella chamada das Virgens Santas, se acha uma pedra mettida na parede, e n'ella aberta a seguinte inscripção, da qual consta que fallecêra este servo do Senhor na era de 150; pois, segundo o que parece, assim se deve entender a dita inscripção, cujo theor é este pelas mesmas palavras em que se acha:»

...Slnticio Famulus Dei Cognomento D. Domum Pater Notra Ensenagirum hui crud. Tumulo jacens qui hoc sæculo XII. *compleverit lustros, Digno Deo in pace commendavit spiritum sub Daues agustas er de* CL.[xx] *Ti bok*......................

Vejamos finalmente o que nos diz o grande mestre Masdeu [2] que erra, sem duvida, porque não viu a inscripção original, e refere-se á cópia que leu em Morales. Depois de escrever — *seculo* VII *anno*. 622. *Em Alcacer do Sal*, dá-nos Masdeu a seguinte inscripção:

SINTICIO FAMVLVS DEI
COGNOMENTO D.
DOMVM PATERNO
TRAENS LINEA GETARVM
HVIC RVDI TVMVLO IACENS
QVI HOC SECVLO
XII COMPLEVERAT LVSTROS
DIGNVM DEO IN PACE
COMMENDAVIT SPIRITVM
SVB. D. V. KAL. AVGVSTAS
ER DCLX
TIBI DETVR PAX A DEO

E depois acrescenta: «Inscrip. I. Morales e Padilla entenderam que o *D* da segunda linha era a inicial do appellido do defuncto. A mim parece-me mais natural que o *D* quizesse dizer *Dictus*, porque se designasse algum nome ou appellido, sendo coisa que se não póde facilmente adivinhar, o copista o teria posto por inteiro.»

A inscripção diz assim:

Sinticio, chamado por sobrenome o servo de Deus, e descendente de linhagem goda por paes jaz em este sepulchro. Tinha completado sessenta annos, e entregou sua santa alma a Deus, a vinte e oito de julho do anno seiscentos e sessenta da era (seiscentos e vinte dois de Jesus Christo) Deus te dê paz.

Ora, se errada está a inscripção que traz fr. Bernardo de Brito, e errada a interpretação que lhe dá, mais errada está a inscripção que vemos em fr. Antonio da Purificação, assim como errada a interpretação, e erradissima a inscripção que encontrâmos em Cardoso, que não foi mais feliz na interpretação da inscripção, a qual apresenta um montão de absurdos, dando-nos até a ler palavras que não sabemos a que lingua pertençam. O P. Luiz Cardoso seria tudo, menos antiquario. E de passagem diremos, que nem o bispo Januario foi santo, nem em Alcacer do Sal houve em tempo algum séde episcopal, nem S. Januario assistiu ao concilio da tal cidade de Liberio, que nunca existiu; porém o que é certo, é que Januario foi bispo em *Salaria*, que alguns escriptores, como Ambrosio de Morales, confundem com *Salacia*, que é Alcacer do Sal, e Januario subscreveu ao concilio Iliberitano celebrado na cidade de *Iliberi*, como bispo da colonia *Salariense*, situada entre Ubeda e Baeza, nas proximidades da actual villa de Sabiote, como mostram Flores, [1] e outros que depois seguiram tão grande mestre e melhor escriptor.

Fr. Bernardo de Brito attribue, sem o menor fundamento, a inscripção ao rei Suintila. Mas fr. Antonio da Purificação, que diz seguir a fr. Bernardo de Brito, estampa na inscripção as mesmas palavras, e quer que *Famulus Dei* signifiquem *Monge*, *Frade*, ou *Religioso;* e não satisfeito ainda, pretende que esse individuo, de que se trata na inscripção, pertencesse á sua ordem, por isso que n'aquelle seculo não existiam em Portugal frades de outra.

Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo [2], tratando de uma inscripção encontrada n'um tumulo levantado na ermida da Senhora dos Açores, onde se lêem as palavras FAMVLA XPI diz: «D'este epitaphio semi-barbaro se manifesta, que no anno de Christo 666 se sepultou n'este logar Suinthiliuba, serva do Senhor; mas não se segue que fosse religiosa em algum mosteiro que alli existisse. Está já hoje demonstrado que os christãos não só d'aquelles tempos, mas ainda até ao seculo XIII, casados, solteiros ou viuvos, por devoção, não perdendo de vista as obrigações que a lei santa nos impõe, tomavam os titulos de *Servos*, e *Famulos de Deus*, sem profissão alguma de instituto monastico ou eremitico. Porém admittir agora que já no seculo VII havia alli algum mosteiro, seria mais que temerario.»

E continúa depois:

«Se houveramos de subscrever ao auctor da *Chronica dos Eremitas de santo Agostinho*, diriamos, que já no tempo que diz o epitaphio, alli tinham os religiosos um mosteiro; mas adduz elle alguma prova de tão extravagante pensamento?...»

Abraçando nós as idéas que ficam expendidas, tão sensatas e eruditas como são, nada temos de mais a acrescentar.

Da copia exacta e fiel da inscripção, que estampâmos a pag. 184, damos agora a sua versão em caracteres latinos.

SINTICIO FAMVLVS DII
COGNOMENTO DII DOMVM
PATERNO TRAENS LINEA GETARVM
HVIC RVDI TVMVLO JACENS
QVI HOC SECVLO XII
CONPLEVERAT LVSTROS
DIGNUM DEO IN PACE
COMMENDAVIT SPIRITVM
SVB DI VII KAL AVGVSTAS
ER DCLX TIB DETVR PAX A DIO

Que em portuguez quer dizer:

[1] Dicc. Geog. t. I pag. 137, vid. pal. *Alcacer do Sal*.
[2] Hist. Crit. de Hespanha etc. t. IX, pag. 361.

[1] Espan. Sagr. tom. IV, pag. 67; e tom. XII, pag. 409.
[2] Elucid. cit. — vid. palavra *Açores*.

Sinticio Famulo de Deus,
Por sobrenome paterno — Casa de Deus,
Descendente dos getas, jaz n'este
grosseiro Tumulo, o qual (Sinticio)
viveu n'este seculo 12 *lustros,*
E entregou em paz o espirito a Deus,
No dia 7.º *das kalendas*
De agosto, da era 660.
A paz te seja dada por Deus.

Na inscripção de Sinticio, em logar de *domum* deve ler-se *domus* em nominativo, subentendendo-se *vocatus*, e construindo d'este modo *Sinticio famulus dei* (à) *cognomento paterno dei domus (vocatus)*, etc.

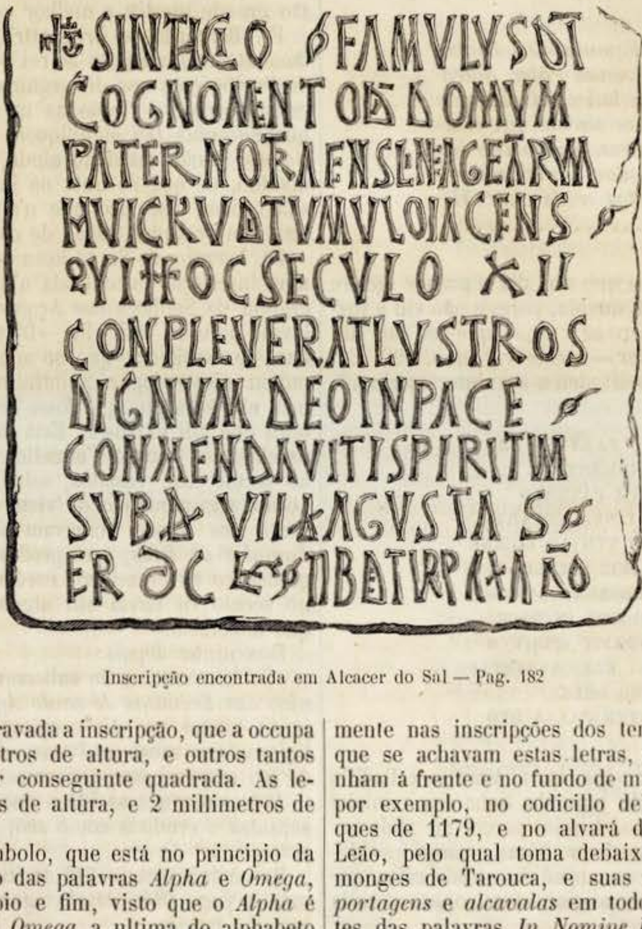
O appellido de Sinticio não póde deixar de ser *Dei domus*, porque as palavras subordinadas sempre se collocam entre as subordinantes, que são *cognomento* e *paterno*, as quaes concordam entre si.

Em Setubal houve n'outro tempo um sujeito chamado «o *Casa Santa*», e o nosso Sinticio recebeu da parte do pae o appellido ou sobrenome de «*Casa de Deus*».

Note-se que *dii* é o mesmo que *dei*, e que *a dio* o mesmo que *a deo*.

Aos que repararem na syntaxe e orthographia da inscripção, diremos que a letra goda é a latina corrompida ou adulterada, e que a grammatica latina foi pelos mesmos godos tão corrompida e adulterada como o fôra a fórma da letra, por isso errada é não só a syntaxe como tambem a orthographia.

Um especimen da letra goda póde tirar-se das pedras e das moedas. Vendo-se pois as inscripções das pedras, e as legendas das moedas, que perfeitamente entre si combinam, ahi temos o verdadeiro caracter gothico, e não a letra a que vulgarmente se dá este nome, e que não é mais que a letra monachal.



Inscripção encontrada em Alcacer do Sal — Pag. 182

A pedra onde está gravada a inscripção, que a occupa toda, tem 45 centimetros de altura, e outros tantos de largura, sendo por conseguinte quadrada. As letras tem 4 centimetros de altura, e 2 millimetros de grossura.

O emblema ou symbolo, que está no principio da inscripção, é composto das palavras *Alpha* e *Omega*, que significam principio e fim, visto que o *Alpha* é a primeira letra, e o *Omega* a ultima do alphabeto grego.

Com a entrada dos godos, suevos e outros povos em Hespanha, se introduziram aqui varias laias ou classes de gentes de differentes cultos, que viviam pela maior parte nas mesmas localidades, sem alguma differença ou divisão. Os catholicos porém, para se differençarem dos idolatras, usavam, em occasiões e logares de maior importancia, de alguma divisa ou signal de sua fé, e assim costumavam pôr uma cruz nas portas de suas egrejas, e o mesmo faziam em cima de suas sepulturas, acrescentando-lhe as duas letras *Alpha* e *Omega*, e manifestando debaixo d'esta cifra compendiosa, que Jesus Christo era o principio e fim de todas as coisas, e por isso mesmo Deus verdadeiro; rebatendo d'este modo a opinião de Arrio, que negava a divindade de Christo. E não era sómente nas inscripções dos templos e das sepulturas que se achavam estas letras, porque tambem se punham á frente e no fundo de muitas escripturas, como, por exemplo, no codicillo del-rei D. Affonso Henriques de 1179, e no alvará de D. Fernando, rei de Leão, pelo qual toma debaixo de sua protecção os monges de Tarouca, e suas casas, e os exime de *portagens* e *alcavalas* em todo o reino; e assim, antes das palavras *In Nomine Domini*, se acha o monogramma *Alpha* e *Omega*. [1]

Tendo pois dado a explicação que podémos ácerca da inscripção a que nos temos referido, nem por isso julgâmos que a nossa opinião seja a melhor e mais acertada, antes com gosto a submettemos ao juizo dos homens competentes, para cuja auctoridade appellâmos, esperando desculpa e benevolencia, e confiando nas luzes e saber de quem tanto nos poderá illustrar e esclarecer.

Almeida Carvalho.

Bem se diz que não se mede a velhice por cãs, nem por annos, senão pelo saber.

[1] Vid. Eluc. cit. pal. *Alpha*. Flores-Hesp. Sagr. t. XIII tr. 41 cap. VIII, § 71.
Thesaurus. Theolog. de varias dissertações. Fr. Antonio da Purificação. Chron. dos Eremitas de Santo Agostinho, t. I, liv. II, t. IV, § 6.